

A partir daí estas crianças devem seguir os caminhos a trilhas devidamente traçados em direção ao que a sociedade espera de seus filhos e filhas.

Acontece porém que em alguns casos isto não acontece e a criança começa a desenvolver papéis opostos aos que o seu sexo fisiológico requeriria. Desta maneira Matheus não se sente bem com roupas de menino, quer sempre vestir alguma coisa das primas, só quer brincar com bonecas, não gosta de jogos violentos ou muito competitivos e muitas vezes diz ser uma menina. Apesar de constantemente contrariado e admoestado pelos pais, mantém um comportamento constante que dizemos ser baseado em dois "Rs": resistência e rebeldia.

Neste ponto da encruzilhada, quando os papéis se tornam cada vez mais definidos porém cruzados, temos uma dúvida a ser lançada: nosso personagem está construindo papéis do sexo oposto ou desconstruindo os papéis inerentes ao próprio sexo?

Com o passar do tempo verifica-se que além de Matheus outros jovens "construíram" uma identidade oposta, cruzada, ao seu sexo fisiológico. Assim eles apresentam uma identidade feminina em um corpo masculino e tudo parece ir se tornando cada vez mais difícil, estranho e cheio de entraves.

Do contato constante com transexuais masculinos que solicitam cirurgia para mudança de sexo e outros, não transexuais (homossexuais, travestis, psicóticos, depressivos graves, bordelines etc.) que solicitam a mesma coisa, começamos a pensar mais seriamente nos conflitos e contradições que afloram desde os primeiros contatos.

A maior parte dos transexuais não aceita a homossexualidade com tranqüilidade ou mesmo a rejeita com agressividade. A frase que serve como nosso subtítulo foi dita por Gabriela, 30 anos, sem dúvida uma mulher, candidata à cirurgia. Vivendo exclusivamente como mulher há 10 anos ela é uma das que diz não aceitar o homossexualismo em espécie alguma: "Mulher foi feita para fazer sexo com um homem e vice-versa, fora daí é patologia."

Aqui já se apresenta uma contradição bastante interessante. O conceito de orientação em sexualidade é uma coisa clara; orientação diz respeito ao sexo fisiológico do objeto de desejo. Desta forma ela pode ser hetero, homo ou bissexual. O que ressaltamos seria pois o seguinte: a relação entre um transexual masculino e um homem seria do ponto de vista da fisiológico uma relação homossexual. Porém se analisada do ponto de vista identidade seria uma relação heterossexual? Pode ser considerado que neste caso teríamos uma relação entre duas identidades sexuais opostas uma feminina e outra masculina, daí a interpretação? Boa parte dos trans-

sexuais pensam desta forma, mesmo desconhecendo as noções teóricas que estamos abrangendo.

A rejeição ao homossexualismo acaba por afastá-los dos ambientes da sociedade homossexual organizada, onde teoricamente seriam melhor aceitas e não os integra na sociedade heterossexual para a qual homossexuais, transexuais, travestis, constituem tudo a mesma coisa. O mesmo diz respeito ao parceiro afetivo - sexual pois buscam um indivíduo que seja 100% hetero. Rejeitam muitas vezes aqueles homens que buscam os travestis pois acreditam que estes seriam “gays” enrustidos e não homens de verdade.

Um outro conflito que aparece é a raiva que emerge quando são chamados ou confundidos com travestis, drags etc. Porém como já dissemos anteriormente isto é muito difícil de não acontecer pois dentro do imaginário popular e mesmo em meios universitários é tudo visto como farinha do mesmo saco.

Quanto ao papel que desempenhariam em uma relação sexual, ainda usando os termos tradicionais “ativo” e “passivo” veremos que são basicamente passivos, exercendo o papel que se convencionou como feminino, rejeitando o outro. Nesta relação o próprio pênis não deve ter qualquer função. Em muitos casos o parceiro não deve tocar ou sequer ver o pênis, o qual deverá permanecer escondido, oculto, pois é uma anomalia que não deveria existir, visto não ser ele adequado ao corpo de uma mulher. É comum que o transexual toque o seu pênis apenas quando há necessidade de higiene mesmo assim de maneira rápida e desprazerosa. Este aspecto vai ser importante no que diz respeito a uma futura provável mudança de sexo, pois o uso constante do pênis, o desejo do papel ativo na relação seria uma contra-indicação.

Todas as minorias sofrem algum tipo de preconceito e discriminação, algumas mais outras menos mas eles sempre estão presentes. Nesta linha de raciocínio o transexual sempre tem receio de sofrê-los em dose dupla, do lado heterossexual por não ser considerado “homem” e do lado homossexual serem considerados doentes por quererem cortar o pênis, o ícone maior da sociedade “gay”.

Outra faceta a ser assinalada é que a maioria rejeita o caminho da prostituição, tão comum entre os travestis, aqueles que fizeram alegam que naquele período não tinham tido qualquer outra saída visto que o processo de feminização já havia se iniciado e a rejeição social já se fazia mais acentuada, fechando portas uma a uma.

Lembraremos ainda algumas coisas que nos parecem interessantes e que merecem maiores estudos. Como exemplo citaremos papéis desem-

penhados dentro do núcleo familiar: como ser chamado, no masculino ou no feminino? Como aceitar que depois de se ter um filho por vinte anos esse se transforma em filha? Carlos deseja que a família o chame de Carla quando seu namorado está presente na casa. Seria fácil?

Priscila, 28 anos, paranaense, após o divórcio ficou com a guarda da filha que tem atualmente oito anos. Hoje luta entre o dilema da possibilidade de perdê-la caso mude de sexo e a possibilidade de reestruturar sua vida com uma mudança de sexo. Natural que angústia, tensão e depressão passem a fazer parte do seu dia a dia.

O que geralmente vemos nestes casos são homens com identidade sexual feminina que desejam mudar de sexo mas seu sonho é a mulher - mulher, a mulher comum, que deseja um lar, um casamento, companheiro fixo, filhos e não a mulher-show, que só quer deslumbrar.

Finalmente nosso título CONSTRUINDO O IMAGINÁRIO, pois este começa a ser construído desde o nascimento, em forma de fantasias, desejos, sonhos, decepções, dificuldades, “porradas” mas não desaparece nunca. A AUTORIZAÇÃO PARA SER depende da justiça, das leis, da medicina, da psicologia etc, mas basicamente da principal autorização, a autorização interna para ser ele/ela mesmo por inteiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, S. J. A. *Contribuição ao estudo da sexualidade humana: prevenção da AIDS em adolescentes*. Tese de Doutorado, FAMERP, 1995.
2. COSTA, R. P. *Os onze sexos. As múltiplas faces da sexualidade humana*. São Paulo, Gente, 1994.
3. MONEY, J.; TUCKER, P. *Os papéis sexuais*. São Paulo, Brasiliense, 1991.4.PARKER, R. G. *Corpos prazeres e paixões - A cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo, Best Seller, 1991.
5. RAMSEY, G. *Transexuais - Perguntas e respostas*. São Paulo, GLS, 1998.
6. VERDE, J. B.; GRAZIOTTIN, A. *Transexualismo - O enigma da identidade*. São Paulo, Paulus, 1997.